

Dialética: lógica da contrariedade ou lógica da contradição?

Eleutério F. S. Prado¹

Na nota *Verdade como perda do objeto, enquanto “em si” fixo e imutável*, antes publicada neste blog, mostrou-se como a dialética de Hegel apreende o movimento de deslocamento no espaço e no tempo. O exemplo tem um caráter didático. De qualquer modo, dois pontos foram enfatizados: um deles expositivo e o outro ontológico.

Primeiro, para a razão dialética, o móvel passa pelos pontos de sua trajetória de tal modo que, para apreender o seu movimento, é preciso dizer que ele “está-agora/não-está-agora”, “está-agora/não-está-agora”, “está-agora/não-está-agora” e assim sucessivamente.

Segundo, para essa compreensão de mundo, o próprio móvel não permanece idêntico a si mesmo conforme percorre o seu caminho. Não só, porém, porque as suas coordenadas de tempo e espaço mudam, mas porque a mudança de si mesmo é a condição de sua existência. Eis que a própria ideia de que ele permanece o mesmo em sua trajetória é já metafísica. E essa metafísica – note-se bem – é inerente e mesmo necessária ao pensamento comum e ao pensamento mecanicista.

Agora chegou o momento de discutir um pouco dois modos de pensar a dialética: trata-se de uma lógica da contrariedade ou da contradição? Para proporcionar esse esclarecimento de um modo didático, vale-se aqui de considerações de Vladimir Safatle em seu livro *Dar corpo ao impossível – O sentido da dialética a partir de Adorno* (Autêntica, 2019). Aí, entre outros objetivos, esse autor busca contestar a crítica central à dialética hegeliana feita por Gilles Deleuze (assim como, também, por outros filósofos).

Ora, o autor pós-estruturalista considerara que a dialética organiza os conflitos como “contraditórios” apenas para apreendê-los, ao fim e ao cabo, na forma da unidade, do uno. Ao fazê-lo, mostra que o seu motivo é a conciliação – e não o despertar – dos antagonismos. O movimento que apresenta se configuraria, portanto, como um “falso movimento”. Tais “contraditórios”, portanto, não seriam de fato contradições, mas contrariedades

¹ Professor titular e sênior do Departamento de Economia da FEA/USP. Correio eletrônico: eleuter@usp.br. Blog na internet: <https://eleuterioprado.blog>. Ainda que seja bem óbvio, reitera-se aqui que a nota não tem qualquer pretensão de originalidade. Ainda assim, os eventuais erros são todos do presente autor.

Eis a frase de Deleuze, citada por Safatle: “A diferença só implica o negativo e só se deixar ir até a contradição à medida que se continua a subordiná-la ao idêntico”.² Ou seja, a contradição seria posta pela dialética para ser suprimida; assim, a diferença é quase-abolida ou mesmo abolida ao ser suprasumida na unidade, no uno, no idêntico. Assim, ele excluiria o caráter afirmativo e positivo das diferenças.

Ora, segundo Safatle, o filósofo francês pensa assim porque assume que a dialética trabalha como contrariedades – e não com contradições. Pois, concebe “a dialética como astuto pensamento da identidade fundado através na possibilidade de sempre construir mediações entre contraditórios” – tomados de fato como contrários.³ Essas “mediações”, “por serem mediações, só podem meramente confirmar o que estava inicialmente pressuposto”, ou seja, elas põem a unidade da qual se originaram. Ora, a dialética pensa que as totalidades e as suas contradições existem realmente; não as cria porque valoriza o sofrimento e a tristeza – sabe que existem na face da Terra e crê que podem ser eliminadas por lutas mortais. Ela toma a totalidade como falsa, como não-toda.

Para prosseguir é preciso lembrar o que são proposições contrárias na lógica aristotélica. Trata-se de uma forma de negação em que a verdade de uma delas implica a não verdade da outra – e vice versa; entretanto, tem-se que a não verdade de uma delas não implica a verdade da outra. Sejam, pois, as seguintes proposições: A: “todos os homens são verdes” e B: “nenhum homem é verde”. Se A é verdadeira, então B é falsa – e vice-versa; não há dúvida sobre isso. Porém, se A for falsa, não se sabe se B é falsa ou verdadeira; ademais, se B for falsa, também não se sabe se A é falsa ou verdadeira.

Ademais: a negação da negação é verdadeira: nem todos os homens são verdes ($\sim A$) e alguns homens são verde ($\sim B$) são ambas verdadeiras. Para melhor compreensão saiba-se que “verde” nessas proposições significa “imaturo”; mas se observe em adição que isso não precisaria ser dito já que o problema é de lógica. É evidente, então, que ambas essas proposições dizem exatamente o mesmo; elas implicam uma a outra na forma de uma tautologia.

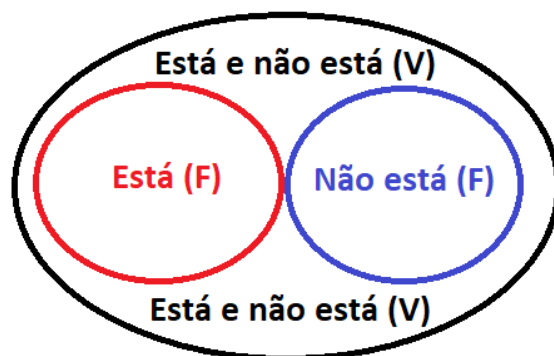
Como isso se aplica a dialética? Para explicar essa aplicação de um modo simples, é preciso voltar ao exemplo elementar do movimento de deslocamento no tempo e no espaço. Seja um ponto qualquer da trajetória: a afirmação de que o móvel aí está agora é falsa, porque ao fazê-la, ele aí já não está mais. Por sua vez, a afirmação de que o móvel aí não estava naquele momento também é falsa, porque ele passou, sim, pelo ponto selecionado. A primeira afirmação é a tese e a segunda afirmação é a antítese; ora ambas essas mediações, falsas enquanto tais, requerem – ou mesmo exigem – uma síntese: o móvel estava e não estava precisamente nesse ponto no momento indicado.

A figura abaixo ilustra essa apresentação da lógica dialética como lógica da contrariedade. Note-se que se trata de um nó e que ele representa a expressão “está e

² Em A concepção da diferença em Bergson, Deleuze escreve: “Em Bergson, graças à noção de virtual, a coisa, inicialmente, difere imediatamente de si mesma. Segundo Hegel, a coisa difere de si mesma porque ela, primeiramente, difere de tudo o que ela não é, de tal maneira que a diferença vai até a contradição”.

³ “Pouco importa aqui” – diz Deleuze – “a distinção do contrário e da contradição, sendo esta tão-só a apresentação de um todo como contrário”. A resposta a esse esforço de indistinção é que essa distinção importa; ele é de fato crucial.

não-está” não como uma contradição, mas uma contrariedade. Na verdade, aí o “está” é o mesmo que o “não está”.



O pensamento que procede desse modo, que opera por meio de tese, antítese e síntese, é dito representativo, ou seja, ele julga que cria e que deve criar apenas uma imagem verbal, mais ou menos complexa, do objeto. Ao atingir supostamente o seu objetivo, fica satisfeito: vê-se, então, como um mero reflexo da realidade tal como ela se apresenta ao observador comum ou mesmo científico.

Bem, eis agora o que diz Safatle dessa interpretação possível da dialética: “reduzida a uma técnica argumentativa, e a seu esquema tese-antítese-síntese, a dialética chega à modernidade numa forma degradada”. A dialética, diz em continuação, não destrói a diferença, a divisão e o entrechoque de opostos por meio de sua redução à contrariedade tal como pensam os filósofos pós-estruturalistas, assim como velhos críticos do hegelianismo. Ao contrário, “ela não cala o infinito que ela mesma procura atualizar submetendo-o à negatividade”. Ou seja, a boa dialética pressupõe a infinitude do mundo; para ela, esta é a sua qualidade mais importante.

Logo, se há uma dialética da contrariedade, há também uma dialética da contradição. Ela acolheria proposições contraditórias entre si? Por exemplo, ela aceitaria como válida que “todos os homens são verdes” e, ao mesmo tempo e no mesmo sentido, também que “alguns homens não são verdes”?

Para pensar a dialética de Hegel, Marx e Adorno, dá-se apenas um primeiro passo ficando no âmbito do mecanismo. Se o movimento de deslocamento requer a reiteração do momento da posição “está aqui e agora”, ele também exige a reiteração do momento da pressuposição “não está aqui e agora”. Portanto, esse modo de pensar faz uma distinção entre “posição real” e “pressuposição real”, assumindo que a “posição” consiste numa determinação do objeto, o que não é aceito pela lógica clássica já que ela trabalha com seres idênticos e bem definidos enquanto tais – não com seres que mudam qualitativamente no tempo e no espaço.

Logo, fica claro que a contradição que a dialética precisa preservar não é a contradição que a lógica formal rejeita. Eis que ela acolhe a contradição entre termos reflexivos, os quais são ambos verdadeiros; em que, aliás, cada um deles se apresenta como negação determinada do outro. Assim, a totalização, aqui representada pela proposição “está aqui e agora... mas já não está aqui e agora” não é verdadeira, mas falsa. Sendo bem preciso, é preciso compreender que a totalização consiste sempre na reiteração do que é, em última, mas não em primeira análise, falso. Pois, o movimento,

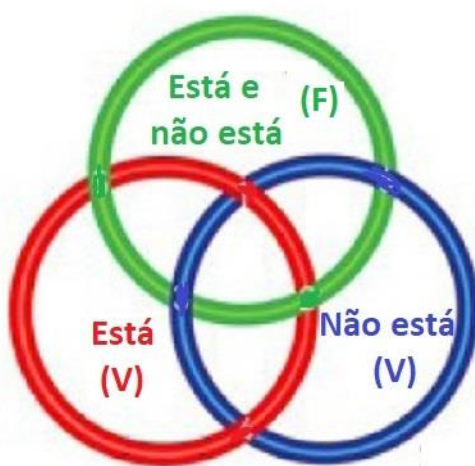
em princípio, prossegue infinitamente e, assim, nunca estaciona em qualquer equilíbrio, ainda que possa passar eventualmente por algum deles. Pode-se dizer que o equilíbrio, se existe, é um “centro de gravidade” tal como este fora pensado na economia política clássica.

O pensamento que se rege pela lógica da contradição não vê como representativo. Ele não adota como critério de verdade a adequação do que está na mente do sujeito cognoscitivo ao objeto. Diferentemente, pensa por meio do conceito, sabendo de antemão que este não pode dar conta do objeto; ademais, por meio dele, o devir histórico é concebido como o que pode ser posto – e não como o que vai se realizar automaticamente. A dialética da contradição é inseparável da práxis de transformar o mundo – para além da prática corrente de manipulá-lo.

Por razões didáticas, a dialética da contradição acima apresentada ficou ainda no âmbito do mecânico. Mas, como se sabe, há uma dialética do agonismo e uma dialética do antagonismo, as quais são apropriadas para pensar a vida e a sociedade. E são estas dialéticas é que são relevantes – que não se perdem num mero formalismo.

Também por razões didática procura-se apresentar abaixo, por meio de um nó borromeano, a estrutura da totalidade pensada pela dialética da contradição. Sugere que ela enlaça a contradição na forma de uma totalidade falsa. Note-se que essa figura tem uma característica notável, qual seja, que os elos que a compõem formam uma trindade enlaçada de movimento unívoco; soltando apenas um deles, a figura se desmancha completamente.

Para a dialética da contradição, a afirmação “está” é verdadeira porque diz a posição do móvel no tempo e no espaço segundo a lógica do entendimento. Por sua vez, a afirmação “não está” também é verdadeira porque declara a pressuposição implícita no movimento do objeto. Já a totalidade “está e não-está” é falsa porque a contradição que enuncia é o princípio real do movimento; eis que o devir é a negação da estase e, ao mesmo, a dissolução e reconstituição da contradição. Logo, a dialética da contradição é incompatível com a ideia de fim da história.



Para introduzir o tema e entrar no mundo das contradições reais, veja-se, por exemplo, que numa assembleia verdadeiramente democrática, há luta, mas as distintas posições podem chegar a um acordo; eis que tal concordata é a democracia autêntica

convém uma à outra. Já numa assembleia pseudodemocrática, há não só luta, mas posições irreconciliáveis, lutas mortais. Nesse caso, voto majoritário eventualmente decide, mas o faz por meio de subordinação, implícita ou explícita, de uma parte dos votantes à outra.

Acolher as contradições não é brincar com as palavras, divertir ou enganar os ouvintes ou leitores por meio de paralogismos. Como se sabe desde Aristóteles, integrar as contradições no discurso é anulá-lo enquanto expressão de verdade. É por boas razões, portanto, que veio até os dias atuais a versão ontológica do princípio da não-contradição, a qual fora apresentada no século IV a. C. por esse filósofo da Grécia antiga: “é impossível que o mesmo simultaneamente pertença e não pertença ao mesmo sob o mesmo aspecto”. Ou seja, ninguém e nenhuma dialética pode afirmar que uma determinada parede é branca e preta ao mesmo tempo

Ora, não só o que é admissível precisa ser mostrado, como também essa própria proibição precisa ser explicada: o discurso seguro e estável não viria ele próprio da angustia e do medo de enfrentar a insegurança e a instabilidade do mundo? Não seria ele o refúgio das almas fracas ou covardes que não suportam enfrentar os dilaceramentos do mundo? Como indica Safatle, mesmo se o princípio da não-contradição deve ser adotado no discurso, este tem de se mostrar capaz de apreender as contradições do mundo real: “trata-se, pois, de afirmar que não só há contradições lógicas que devem ser evitadas, mas [também que há] contradições reais que devem ser reconhecidas”.

O próprio Hegel justificou a dialética da contradição. Disse numa passagem da *Ciência da Lógica*, primeiro, que seria “ternura demais para com o mundo afastar dele a contradição”. Ao recolhê-la na mente sem dela tomar consciência, a razão se mostraria irrazoável: “pelo contrário, transferi-la à razão, ao espírito e, nisso, deixá-la subsistir não dissolvida” seria perder em parte o próprio mundo. Ora, o espírito – julga – é sim capaz tanto de suportar a contradição quanto de dissolvê-la. O mundo, segundo esse filósofo moderno, contém contradições e, por causa disso, “está exposto ao surgir e ao perecer”. “A contradição” – completa Safatle – subsiste como “um modo de emergência [e de autodestruição] que tem por consequência destituir o mundo como horizonte estável de experiência e de vida social”.

Esse autor brasileiro mostra também que só a dialética pode alimentar adequadamente um saber sobre os sistemas complexos reais, ou seja, sobre os seres vivos e sobre a sociedade. Se a teoria da complexidade contempla versões ainda mecânicas, que se valem apenas da teoria contemporânea dos sistemas dinâmicos paralelos, contém também versões que apreendem o mundo na forma da totalidade não fechada em si mesma, mas aberta à intensidade do infinito, do auto-movimento e da própria autotransformação. Eis, pois, o que diz:

Os “fenômenos de emergência, no sentido forte, são normalmente descritos como produções de propriedades a partir de uma totalidade distinta da soma de suas partes, já que o todo produzirá propriedades que suas partes não tem de forma isolada. No entanto, se tal produção é pensada de forma dialética, ela deverá compreender a experiência na forma da contradição”.

Hegel disse que a verdade é o todo; Adorno disse que o todo é o falso. E ambas essas asserções são corretas para a dialética da contradição. O pensamento não pode

ficar preso apenas aos momentos separados entre si da realidade; as relações internas entre as partes estruturam um todo, o qual é mais do que a mera agregação das partes; o todo como totalidade pensada nunca inclui tudo e, por isso, é sempre incompleto; o todo real tem nós, lacunas, pontos de ruptura; por isso, o todo deve ser pensado como falsa totalidade que pode ser rompido para dar origem ao inteiramente outro.